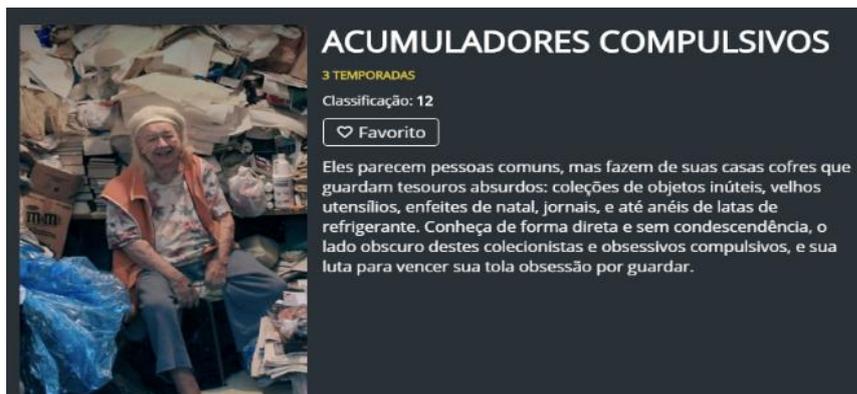




## Hedonismo

Derivado da palavra grega *hedonê*, que significa prazer e vontade, o Hedonismo é uma filosofia que coloca o prazer como bem supremo da vida humana. Alguns de seus representantes mais antigos são Aristipo de Cirene e Epicuro. A escola filosófica do hedonismo baseia-se em duas concepções de prazer: a primeira toma-o como critério das ações humanas; a segunda considera-o como único valor supremo. Esta divisão reflete a ambiguidade do conceito da palavra, permitindo várias classificações desta doutrina que tem diversas escolas diferentes.

Considerado o pai do hedonismo, Aristipo de Cirene fazia uma distinção entre os dois lados da alma humana. Para ele, existia o movimento suave da alma, que seria o que chamamos de prazer, e o movimento áspero da alma, ou seja, a dor. Aristipo concluiu que, independente de sua forma e origem, o prazer tem sempre o objetivo de diminuir a dor, sendo o único caminho para a conquista da felicidade. O filósofo ainda afirma que o prazer do corpo é o sentido da vida. Esta ideia é defendida por outros hedonistas clássicos como Teodoro de Cirene e Hegesias de Cirene. Fonte: <https://www.infoescola.com/filosofia/hedonismo/>



Com a famosa história de Dorian Gray e os crimes cometidos em nome de sua vaidade exagerada, Oscar Wilde trouxe à tona assuntos importantíssimos sobre o comportamento humano e apresentou a história da corrupção moral por meio de esteticismo. No livro, a beleza é tratada como ponto de partida para toda a maldade de Dorian Gray. Em nome dela, crimes são cometidos, suicídios realizados e traições premeditadas. Sem remorso, culpa ou medo, Dorian Gray só tinha um objetivo: manter-se jovem e belo.

“Há coisas que são preciosas por não durarem”

Superficialmente, a história é assustadora. No entanto, quem conhece Oscar Wilde, sabe que a intenção do autor foi muito além dela. O autor tentou passar ensinamentos de ética, moral e princípios, discutidos em forma de diálogos dos seus personagens:

“O apaixonado começa iludindo-se a si próprio e acaba enganando os outros”.

Sejamos realistas, há uma grande verdade nisso. Quando nos apaixonamos vemos qualidade onde não tem, ficamos cegos aos defeitos e projetamos planos sem o aval do outro e, sabe, há até um pouco de saúde nisso. Ferreira Gullar dizia que fantasiar era necessário: “A arte existe porque a vida não basta”. O problema é fantasiar demais e depois entrar em um estado depressivo suicida. <https://www.contioura.com/ensinamentos-livro-o-retrato-de-dorian-gray-de-oscar-wilde-que-voce-deveria-levar-serio/>

Embora durante o século XIX e as primeiras décadas do seguinte diversos pensadores tivessem refletido sobre o significado de nação e a evolução da sua realidade ao longo da história europeia, os estudos contemporâneos sobre o tema só conheceram o seu ponto de partida com a obra de Hans Kohn, *The Idea of Nationalism* (1944). Nesta obra, Kohn traçava uma clara dicotomia entre nacionalismo cívico e nacionalismo étnico. O primeiro distinguia-se por ser racional, democrático e por conceber a nação como uma comunidade cívica, aberta à incorporação de estrangeiros (exemplo: a França ou os EUA). O segundo caracterizava-se por ser irracional, autoritário e por conceber a nação como uma comunidade de sangue (exemplo: a Alemanha). Esta dicotomia continua ainda a enformar vários estudos sobre nacionalismo, embora bastante reformulada. Hoje é consensual que aquela distinção de Kohn não tem a fixidez geográfica nem temporal que o seu autor pretendia. Os nacionalismos são dinâmicos, como mostra a recente mudança ocorrida na lei da nacionalidade germânica. Até 1999, para se ser alemão era necessário ser-se filho de um cidadão alemão, independentemente do lugar onde se nascesse (*jus sanguinis*). Já desde 2000, uma criança nascida na R.F.A., filha de imigrantes, adquire a nacionalidade alemã desde que um dos pais resida no território há pelo menos oito anos e seja portador de autorização de residência nos últimos três (*jus solis*). <https://journals.openedition.org/lerhistoria/604>

A partir da leitura dos textos motivadores seguintes e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema: **O indivíduo frente aos apelos da indústria de bens, serviços e aceitação na imagem potencializados pela pressão social**. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista. Apresente proposta de intervenção que respeite os direitos humanos.

1) Carlos Maurício, o autor do texto “Hobsbawm, ou quando o nacionalismo inventa a nação », usa linguagem referencial para expor várias ideias sobre nacionalismo. Em uma das frases abaixo, entretanto, há uma ideia que mais se aproxima de uma opinião do autor. Assinale-a:

- A) os estudos sobre nacionalismo só conheceram o seu ponto de partida com a obra de Hans Kohn.
- B) Há uma clara dicotomia entre nacionalismo cívico e nacionalismo étnico.
- C) O nacionalismo é algo racional, democrático.
- D) Aquela distinção de Kohn não tem a fixidez geográfica nem temporal.
- E) Os nacionalismos são dinâmicos.

Teresinha (Chico Buarque)

O primeiro me chegou Como quem vem do florista: Trouxe um bicho de pelúcia, Trouxe um broche de ametista. Me contou suas viagens E as vantagens que ele tinha. Me mostrou o seu relógio; Me chamava de rainha. Me encontrou tão desarmada, Que tocou meu coração, Mas não me negava nada E, assustada, eu disse "não".	O segundo me chegou Como quem chega do bar: Trouxe um litro de aguardente Tão amarga de tragar. Indagou o meu passado E cheirou minha comida. Vasculhou minha gaveta; Me chamava de perdida. Me encontrou tão desarmada, Que arranhou meu coração, Mas não me entregava nada E, assustada, eu disse "não".	O terceiro me chegou Como quem chega do nada: Ele não me trouxe nada, Também nada perguntou. Mal sei como ele se chama, Mas entendo o que ele quer! Se deitou na minha cama E me chama de mulher. Foi chegando sorrateiro E antes que eu dissesse não, Se instalou feito um posseiro Dentro do meu coração.
---	---	--

2) Da leitura do poema, pode-se afirmar:

- A) A ação dos pretendentes, por revelar seu perfil psicológico, torna desnecessária a descrição física.
  - B) É uma narrativa envolvendo três personagens: os pretendentes de Terezinha.
  - C) O poema enfatiza a simultaneidade dos relacionamentos de Terezinha com seus pretendentes num tempo passado.
  - D) Cada pretendente tratava Terezinha de modo diferente, mas nenhum a via simplesmente como mulher.
  - E) A narradora revela-se uma mulher ingênua e recatada, à espera do amor que a complete.
- 2) Em relação aos recursos expressivos utilizados, julgue os itens:

I - O poema é uma releitura de uma antiga cantiga de roda infantil, caracterizando uma relação intertextual.  
II - A construção das estrofes é marcada pela presença de paralelismo sintático, ou seja, são introduzidas informações novas pela repetição de estruturas sintáticas.  
III – No texto, é explorada a poeticidade, tanto que há trabalho com a linguagem de forma a torná-la original.  
São verdadeiros:

- A) Apenas item I.
- B) Itens I e II.
- C) Itens I e III.
- D) Itens II e III.
- E) Todos os itens.

FÁBULA DOS DOIS LEÕES (Stanislaw Ponte Preta)

DIZ que eram dois leões que fugiram do Jardim Zoológico. Na hora da fuga cada um tomou um rumo, para despistar os perseguidores. Um dos leões foi para as matas da Tijuca e outro foi para o centro da cidade. Procuraram os leões de todo jeito mas ninguém encontrou. Tinham sumido, que nem o leite.

Vai daí, depois de uma semana, para surpresa geral, o leão que voltou foi justamente o que fugira para as matas da Tijuca. Voltou magro, faminto e alquebrado. Foi preciso pedir a um deputado do PTB que arranjasse vaga para ele no Jardim Zoológico outra vez, porque ninguém via vantagem em reintegrar um leão tão carcomido assim. E, como deputado do PTB arranja sempre colocação para quem não interessa colocar, o leão foi reconduzido à sua jaula.

Passaram-se oito meses e ninguém mais se lembrava do leão que fugira para o centro da cidade quando, lá um dia, o bruto foi recapturado. Voltou para o Jardim Zoológico gordo, sadio, vendendo saúde. Apresentava aquele ar próspero do Augusto Frederico Schmidt que, para certas coisas, também é leão.

Mal ficaram juntos de novo, o leão que fugira para as florestas da Tijuca disse pro coleguinha: — Puxa, rapaz, como é que você conseguiu ficar na cidade esse tempo todo e ainda voltar com essa saúde? Eu, que fugi para as matas da Tijuca, tive que pedir arrego, porque quase não encontrava o que comer, como é então que você. . . vá, diz como foi.

O outro leão então explicou: — Eu meti os peitos e fui me esconder numa repartição pública. Cada dia eu comia um funcionário e ninguém dava por falta dele.

— E por que voltou pra cá? Tinham acabado os funcionários?

Nada disso. O que não acaba no Brasil é funcionário público. É que eu cometi um erro gravíssimo. Comi o diretor, idem um chefe de seção, funcionários diversos, ninguém dava por falta. No dia em que eu comi o cara que servia o cafezinho. . . me apanharam.

3) Sobre o texto acima, assinale a correta:

- A) O texto acima é uma narração marcada pelo nível culto de linguagem.
- B) A intenção do autor foi desenvolver um texto com função informativa, visto que deseja informar sobre dinâmica presente em uma repartição pública.
- C) Em “me apanharam”, há uma forma coloquial, reprodução da oralidade e seria muito bem substituída neste texto “apanharam-no”.
- D) O leão que foi encontrado primeiro era o antagonista da narrativa.
- E) O texto usa frases prontas para criar efeito de humor. É o caso de “de todo jeito”, “vá, diz como foi” e “Nada disso”.

Leia, com atenção, o fragmento abaixo, retirado da obra **O conto da ilha desconhecida**, de José Saramago:

“Um homem foi bater à porta do rei e disse-lhe: Dá-me um barco. A casa do rei tinha muitas mais portas, mas aquela era a das petições. Como o rei passava todo o tempo sentado à porta dos obséquios (entenda-se, os obséquios que lhe faziam a ele), de cada vez que ouvia alguém a chamar à porta das petições fingia-se desentendido, e só quando o ressoar contínuo da aldraba de bronze se tornava, mais do que notório, escandaloso, tirando o sossego à vizinhança (as pessoas começavam a murmurar, Que rei temos nós, que não atende), é que (...)”

4) Pode-se afirmar que há, nesse fragmento:

- A) uma metáfora, que valoriza a democracia como a melhor forma de se manter o poder.
- B) uma ironia, que mostra uma tendência de se usar o poder político em benefício próprio.
- C) uma contradição, que revela os principais traços do sistema monárquico.
- D) uma fábula, que mostra o rei como mendigo que sempre queria receber favores.
- E) uma analogia, que coloca a casa do rei como um palácio sempre aberto, acessível.

5) A charge é um texto misto, que traz tanto conteúdo visual quanto verbal. O texto abaixo foi extraído do site [www.chargeonline.com.br](http://www.chargeonline.com.br), sendo que há uma incoerência bem traduzida em:

- A) Ninguém se preocuparia com roupa para ingressar em um programa do governo.
- B) Os personagens não estariam em condições sociais para ingressar no programa do governo.
- C) Morando em um prédio, como se vê ao fundo da charge, não haveria motivos para eles ingressarem no programa do governo.
- D) A linguagem empregada pelos personagens não corresponde a sua condição social.
- E) Sabe-se que o “Brasil sem miséria” é um programa de erradicação das favelas. Por isso, não tem a ver com os personagens.



Thomas Traumann: O jornalismo, o joio e o trigo

A relação entre o poder e o jornalismo é necessariamente tensa: o primeiro faz, o segundo critica. A folclórica definição de que jornalismo é separar o joio do trigo e, então, publicar o joio reforça a noção de que o bom jornalismo deve ser um cão de guarda da sociedade sobre os poderosos, sejam eles políticos, juízes ou empresários. Um cão fiel ao seu real dono, o leitor, o internauta, o telespectador, o ouvinte.

Mas, para exercer corretamente o papel de fiscal do poder, o bom jornalismo precisa saber separar fato de ficção e publicar apenas fatos. (Folha de SP, 02.10.2014)

6) O texto acima é construído com base em uma forma de expressão bem definida em:

- A) O poema se sustenta no jogo entre uma contradição metaforizada em “joio” (universal positivo) e trigo (universal negativo).
- B) O poema se sustenta no jogo entre uma contradição metaforizada em “joio” (universal negativo) e trigo (universal positivo).
- C) Há intertextualidade com uma canção infantil.
- D) A metáfora de “joio” (universal positivo) e de “trigo” (universal negativo) é a única no texto.
- E) A intenção é alcançar a paródia como forma de ligar as ideias.

O rouxinol e o gavião

Esopo

Um rouxinol, pousado num alto carvalho, cantava como de costume. Um gavião o viu e, como lhe faltasse alimento, precipitou-se sobre ele e o prendeu. Estando o rouxinol para morrer, pediu ao gavião que o deixasse ir embora, argumentando que ele sozinho não seria suficiente para encher o estômago de um gavião; que o gavião deveria, se tivesse necessidade de alimento, atacar pássaros maiores. E o gavião, tomando a palavra, disse: "Mas eu seria um estúpido se largasse uma comida que tenho certa na mão para ir atrás de outras que ainda não vi."

*Assim também são insensatos os homens que, na esperança de bens maiores, deixam escapar o que têm na mão.*

7) Sabendo que a moral de uma fábula sintetiza sua mensagem, considere o que se diz nos itens. Assinale apenas a MORAL que estiver de acordo com o texto:

- I – Mais vale um pássaro na mão que dois voando.
- II – Não se deve deixar o certo pelo duvidoso.
- III – Quem dá o que tem a pedir vem.
- IV – Quem tudo quer tudo perde.

Estão corretos:

- A) I e II.
- B) I e III.
- C) II e III.
- D) I e IV.
- E) II e IV.

A língua escrita, como a falada, compreende diferentes níveis, de acordo com o uso que dela se faça. Por exemplo, em uma carta a um amigo, podemos nos valer de determinado padrão de linguagem que incorpore expressões extremamente pessoais ou coloquiais; em um parecer jurídico, não se há de estranhar a presença do vocabulário técnico correspondente. Nos dois casos, há um padrão de linguagem que atende ao uso que se faz da língua, a finalidade com que a empregamos.

O mesmo ocorre com os textos oficiais: por seu caráter impessoal, por sua finalidade de informar com o máximo de clareza e concisão, eles requerem o uso do *padrão culto* da língua. Há consenso de que o padrão culto é aquele em que a) se observam as regras da gramática formal, e b) se emprega um vocabulário comum ao conjunto dos usuários do idioma. É importante ressaltar que a obrigatoriedade do uso do padrão culto na redação oficial decorre do fato de que ele está acima das diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, dos modismos vocabulares, das idiosincrasias linguísticas, permitindo, por essa razão, que se atinja a pretendida compreensão por todos os cidadãos.

Lembre-se que o padrão culto nada tem contra a simplicidade de expressão, desde que não seja confundida com pobreza de expressão. De nenhuma forma o uso do padrão culto implica emprego de linguagem rebuscada, nem dos contorcionismos sintáticos e figuras de linguagem próprios da língua literária.  
(Manual de Redação da Presidência da República)

8) Da leitura do texto acima, é possível entender que:

- A) Há apenas uma forma aceitável de comunicação que é a culta e todas as outras formas consistem em “pobreza de expressão”.
- B) A comunicação formal é a única entendida pelos cidadãos comuns.
- C) Não importa se é escrita ou falada, a linguagem deve sempre preservar as regras gramaticais para que ocorra efetiva comunicação.
- D) Irá compor a linguagem oficial: as diferenças lexicais, morfológicas ou sintáticas regionais, os modismos vocabulares, as idiosincrasias linguísticas.
- E) Na comunicação oficial, há apenas uma forma aceitável de comunicação que é a culta e, em tal contexto, todas as outras formas consistem em “pobreza de expressão”.

O crack deriva da planta de coca, é resultante da mistura de cocaína, bicarbonato de sódio ou amônia e água destilada, resultando em grãos que são fumados em cachimbos. O surgimento do crack se deu no início da década de 80, o que possibilitou seu fumo foi a criação da base de coca batizada como livre.

O consumo do crack é maior que o da cocaína, pois é mais barato e seus efeitos duram menos. Por ser estimulante, ocasiona dependência física e, posteriormente, a morte por sua terrível ação sobre o sistema nervoso central e cardíaco. Devido à sua ação sobre o sistema nervoso central, o crack gera aceleração dos batimentos cardíacos, aumento da pressão arterial, dilatação das pupilas, suor intenso, tremores, excitação, maior aptidão física e mental. Os efeitos psicológicos são euforia, sensação de poder e aumento da autoestima.

A dependência se constitui em pouco tempo no organismo. Se inalado junto com o álcool, o crack aumenta o ritmo cardíaco e a pressão arterial o que pode levar a resultados letais. ([www.brasilecola.com](http://www.brasilecola.com))

9) O produtor do texto empregou alguns recursos para construir o texto. Assinale a alternativa em que o recurso não consta no texto acima:

- A) Descrição do crack.
- B) Comparação.
- C) Relação de causa e consequência.
- D) Enumeração e menção histórica.
- E) Exemplificação

#### ESCREVER AS ENTRELINHAS

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra - a entrelinha - morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: A não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever *distraidamente*.

(LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.)

10) Está CORRETO afirmar sobre algumas expressões que compõem essa crônica de Clarice Lispector:

- A) “Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca.” (Essa citação comprova a função apelativa do texto.)
- B) “Quando essa não-palavra - a entrelinha - morde a isca, alguma coisa se escreveu.” (Nesse tipo de texto, o conteúdo, ou seja, “a entrelinha”, é mais importante do que a expressividade da linguagem.)
- C) “... poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora.” (Esse trecho comprova a escrita arcaica de Clarice Lispector, por usar a “ênclise”, que a Gramática moderna reprova e é de pouco uso no Brasil.)
- D) A não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a.” (Isso quer dizer que a “palavra” foi incorporada pela “não-palavra”.)
- E) “O que salva então é escrever *distraidamente*.” (O adjetivo *distraidamente* indica que escrever bem é um ato espontâneo.)

## **Escondidinho**

### **Ingredientes:**

500g de carne de charque cozida e desfiada  
500g de cebola cortada em tiras grossas  
6 dentes de alho grandes espremidos  
1 1/5 kg de macaxeira (mandioca ou aipim)  
2 colheres (sopa) de manteiga  
sal e pimenta a gosto  
queijo ralado  
óleo para fritar a carne

### **Modo de Preparar:**

Cozinhe a macaxeira com sal até ficar bem macia. Bata no processador ou no liquidificador com um pouco da água do cozimento até formar uma pasta grossa. Leve de volta ao fogo com a manteiga, fazendo um purê. Reserve. Frite a carne de charque com a cebola e o alho e tempere com a pimenta a gosto. Não deixe ficar muito seca. Em um refratário faça uma camada com metade do purê, despeje por cima a carne e cubra com o restante do purê de macaxeira. Polvilhe com queijo ralado e leve ao forno até dourar.

11) Leve em consideração o que se fala sobre a receita acima. A seguir, assinale a correta:

I – A receita é, na verdade, uma sequência de dois textos: a primeira parte é um texto descritivo; a segunda parte é instrucional.

II – Em ambos os textos a sequência pode ser alternada.

III – Nas duas partes, fica claro que o produtor do texto tem conhecimento das variantes linguísticas.

IV – O uso de verbos no imperativo faz o texto assemelhar-se a uma propaganda.

A) Somente os itens I e II estão corretos.

B) Somente os itens I e III estão corretos.

C) Somente os itens II, III e IV estão corretos.

D) Somente os itens III e IV estão corretos.

E) Somente o item III é correto.

## **Novas formas de aprender e ensinar (EXCERTOS)**

Os tablets substituirão o professor? Como as tecnologias afetam a educação? Por que a educação tradicional não responde aos anseios da sociedade contemporânea? A relação entre as tecnologias e a educação instiga muitas questões. (...)

A revolução tecnológica possibilitou o surgimento de uma inteligência coletiva, com aprendizagens em rede e descentralização das esferas do conhecimento.

A aprendizagem é um processo social fruto de um contexto histórico. Portanto, a revolução tecnológica impacta diretamente esse processo não apenas pelas inúmeras possibilidades de acesso às informações, como também pela forma sistêmica de construção do conhecimento. A maioria das escolas ainda trabalha de maneira linear e simplista, onde o ensino se baseia em aulas expositivas e livro didático. Já a inteligência coletiva é colaborativa e se irradia a partir de diversas fontes e formatos.

O hipertexto é um exemplo desse processo. Cada clique abre infinitas portas de informações. O conhecimento não está mais estancado em caixas. Ele é transversal e produzido nas conexões entre várias informações. Essa transversalidade se expressa nas demandas das empresas e nas expectativas dos jovens.

De um lado, as organizações buscam um perfil de colaborador que responda aos desafios do mundo globalizado e complexo. Pessoas que saibam resolver problemas, comunicar-se claramente, trabalhar em equipe e de forma colaborativa. Que usem as tecnologias com desenvoltura para selecionar, sistematizar e criticar as informações. E que sejam inovadoras e criativas.

Por outro lado, pesquisas mostram que os alunos querem ter maior liberdade e autonomia, um ensino personalizado, colaborativo e em rede, com conteúdos relacionados ao mundo real. O jovem quer sentir-se motivado e conectado com as tecnologias. Quer ser produtor de conhecimento e cultura, não um passivo ouvinte de aulas expositivas.

Ao se atualizar o perfil do professor, dando-lhe condições de responder às demandas educativas que a sociedade espera da escola, resgataremos a valorização docente e a função imprescindível que esses profissionais exercem para a construção do país que queremos. (Folha de SP. **MARIA ALICE SETUBAL**, doutora em psicologia da educação pela Pontifícia Universidade Católica-SP.)

12) No 4º parágrafo do texto, o autor trata do **hipertexto**. Este:

- A) permite a apresentação de informações organizadas de tal maneira que o leitor tem liberdade de escolher os caminhos entre blocos de informações vinculadas.
- B) não permite a apresentação de informações organizadas, razão pela qual o leitor fica sem liberdade de escolher caminhos entre blocos de informações.
- C) apresenta referências dentro do mesmo texto, sempre dentro de um encadeamento linear único.
- D) é transversal, o que indica que ele foge do tema proposto no primeiro texto.
- E) é transversal, o que indica que as empresas exigem que seus funcionários escrevam hipertextos.

13) Quanto aos elementos coesivos, assinale a incorreta:

- A) Os conectivos usados no 5º e 6º parágrafos estabelecem uma comparação.
- B) Em “Que usem as tecnologias com desenvoltura para selecionar, sistematizar e criticar as informações”, o sujeito de usem está no período anterior.
- C) Em “A maioria das escolas ainda trabalha de maneira linear e simplista, onde o ensino se baseia em aulas expositivas e livro didático”, o termo grifado pode ser substituído por AINDA QUE.
- D) Empregando “Ao se atualizar” (último parágrafo), criou-se um efeito de TEMPO futuro.
- E) Em “Quer ser produtor de conhecimento e cultura, não um passivo ouvinte de aulas expositivas”, o sujeito de QUER está no período anterior.

O protagonista é um homem de meia idade que se dedicava à leitura de romances de cavalaria. Confundindo fantasia e realidade, resolve imitar os heróis e partir em busca de aventuras. Como precisa de uma amada em nome da qual lutar, cria Dulcineia, grande dama inspirada em uma paixão da juventude.

Encontra um albergue simples que confunde com um castelo. Pensando que o dono é um cavaleiro disposto a ordená-lo, resolve guardar o lugar durante a noite. Quando um bando de camponeses se aproxima, pensa que são inimigos e os ataca, acabando machucado. Depois de uma falsa sagração, o dono do albergue o manda embora, dizendo que já é cavaleiro. Embora ferido, Quixote volta para casa feliz.

<https://www.culturagenial.com/livro-dom-quixote-de-miguel-de-cervantes/>

14) A crítica literária aponta TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA de Lima Barreto como uma intertextualidade a Dom Quixote, do espanhol Miguel Cervantes. A partir do excerto acima e da leitura parcial ou total do livro brasileiro, assinale o ponto em comum entre os personagens:

- A) ambos os personagens querem viver aventuras de cavalaria.
- B) ambos os personagens têm uma visão deturpada da realidade.
- C) assim como Dom Quixote, Quaresma queria viver uma falsa sagração.
- D) assim como Dom Quixote, Quaresma realiza seus sonhos em relação à pátria.
- E) assim como no romance espanhol, no brasileiro há uma realização pessoal e social.

O poema abaixo, de Manuel Bandeira, pertence ao livro **Lira dos cinqüentanos**

**Velha chácara**

A casa era por aqui...

Onde? Procuro-a e não acho.

Ouçõ uma voz que esqueci:

É a voz deste mesmo riacho.

Ah quanto tempo passou!

(Foram mais de cinquenta anos.)

Tantos que a morte levou!

(E a vida... nos desenganos...)

A usura fez tábua rasa

Da velha chácara triste:

Não existe mais a casa...

-Mas o menino ainda existe.

15) O poema apresenta uma diferença entre

- A) o passado, não vivido pelo eu-lírico e o presente, representado pela velhice.
- B) um espaço puramente natural (o campo) e outro sociofamiliar (a casa).
- C) o que é desfeito pelo tempo (a lembrança) e o que ele não apaga (a casa).
- D) a chácara, considerado um espaço ideal e a cidade, espaço arrasado pela usura.
- E) o amor platônico e o amor carnal, bem ao gosto dos modernistas.